

Ruth Silviano Brandão Lopes*

O trabalho de Ana Maria de Almeida, excelente como sempre, não permite que eu cumpra rigorosamente minha função de debatedora. Não há o que debater, no sentido de discordar, descobrir contradições, falhas, lacunas. Ocorrem-me apenas algumas observações, mais complementares que contraditórias, em relação à análise apresentada.

Ana Maria mostrou muito bem o processo de degeneração/regeneração social em *Eusébio Macário*, através do estudo das personagens. Entre elas está a figura do "brasileiro", percebida como elemento desagregador, agente de corrosão dentro de uma tradição social portuguesa. Como escritura ambígua, a narrativa de Camilo revela uma tensão no interior de uma sociedade decadente e contraditória, que oscila entre os valores tradicionais e modernos. Assim, penso, as personagens circulam, flutuam entre séries opostas e, metaforicamente, são portadoras ora de saúde, ora de doença.

É interessante notar que a ambivalência está presente em toda a narrativa. Se as figuras femininas, como Ana Maria de Almeida mostrou, representam "o instinto e o puro vigor", a saúde, enfim, elas são, então, remédio. Entretanto, por outro lado, são também veneno, na medida em que atuam como agentes corrosivos, em relação ao Eusébio Macário ou ao abade, por exemplo, já que é por causa delas que "a mãe de Justino não podia consolar-se da queda da religião e da libertinagem do filho" (EM, p. 16).

Ambíguas, oscilantes, as personagens não se enquadram num esquema rígido, numa estrutura rigorosamente centrada. Dentro desse ponto de vista, o próprio "brasileiro" pode também ser percebido como um Minotauro às avessas, que, em vez de tomar o dinheiro ao povo, pensando seduzir, é seduzido por Ariadnes astutas. Responsável pelos males da época, agente corrosivo, na medida em que, com seu dinheiro modifica os hábitos, sim, mas não seria válido pensar o "brasileiro" como aquele que revela a degeneração já existente? Nesse caso, ele seria apenas um elemento catalisador ou, então, aquele que ocupa o lugar do desejo, significante flutuante, desejo de poder em última

* Professora Assistente da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Literatura Brasileira.

instância, que existe fora dele? Podemos notar, inclusive, que ele preenche aquele espaço intermediário, próprio dos elementos que estão incluídos e excluídos de um conjunto: é estrangeiro, mas é o "irmão d'além mar"; seus valores são novos, mas não totalmente, já que seu passado histórico é o mesmo que o dos portugueses; seu dinheiro é estrangeiro, mas não é, pelos mesmos motivos.

À página 56 encontramos a seguinte afirmação: "Planos desonestos, abasileirados tinham manchado a candura do comendador a respeito de Custódia". Entretanto, sabemos que os planos de Custódia já existiam em relação ao futuro barão de Rabaçal. O possível título de baronesa vai funcionar apenas como estímulo, um "revulsivo forte (EM p. 60) para que se exteriorizem, se representem em forma de fantasias o desejo de riqueza de Custódia. Cabe lembrar aqui os sonhos da filha de Eusébio Macário, onde o futuro barão aparece como um elefante ajaezado de pedrarias, condensação e deslocamento do exibicionismo e desejo de grandeza da própria sonhadora (EM p. 60/61).

Será, então, que não poderíamos pensar o "brasileiro" como aquele que penas faz vir à forma um desejo e uma corrupção já existentes? A degeneração dos velhos modelos é manifesta em vários níveis, em *Eusébio Macário*. Assim acontece na relação pai/filho; nobreza tradicional/nobreza endinheirada; severidade dos antigos costumes/decadência dos novos. O abade, por exemplo, recém-chegado à terra, levava a tiracolo um frasco de aguardente, "como seu padre São Domingos levaria os Salmos de David, os Evangelhos, a hinologia triunfal da Igreja, e os estatutos da Inquisição" (EM, p.13).

Quanto ao episódio da morte do lobo, acho interessante lembrar que o abade eliminou esses "polícias importunos aos vagabundos noturnos" (EM p.20). Matando o lobo, ele estaria transgredindo, então, simbólica e realmente, a censura, o código moral tradicional. Nesse caso ele também pode ser percebido como agente corrosivo, tal como o "brasileiro", que viria substituir o lobo pelo dinheiro. Podemos acrescentar que o próprio abade acaba transformando o lobo em dinheiro, pois "Padre Justino entrou na política, e arrebanhou consigo todos os fetiches da sua fazanha. O galopim fermentara-se evolutivamente da podridão do lobo. A autoridade superior do distrito chama-ra-o, honrara-o com confidências, abraços, promessas e alguns dinheiros do cofre para avinhar o sufrágio" (EM, p. 25/26).

A oposição doença/saúde permanece em toda a narrativa, estando presente também no código alimentar e no sexual, como foi analisado pela conferencista. Parece-me, porém, que os personagens todos oscilam entre esses dois polos opostos. A Rosa Canelas, por exemplo,

a saudável mulher do boticário e amante do médico, "fora morrer à Ta manca, um recolhimento de Braga, onde se repurgavam viciósidades(EM, p. 27). A Custódia, cheia de saúde - "Ria-lhe no rosto uma alegre saúde que lhe carminava os beiços"(EM, p. 49) - entretanto, "tinha no sangue o ardor de extravagâncias, uma herança viciosa de sua mãe" (EM, p.7). No dia de seu aniversário, o doutor de Abadim, faz a seguinte afirmação:"Eu faço votos por que o nosso ilustre amigo, o Snr. Comendador Bento José Pereira Montalegre, não gaste da botica do Snr. Eusébio Macário senão a linda filha, a droga mais doce, mais balsâmica que ele produziu".(EM, p. 65). A Felícia é outra, que ora é balsamo para o abade, ora o faz sentir "a turbação das lágrimas a subir lhe do íntimo, um nó que o entalava, como nas mulheres histéricas". (EM, p. 97).

Enfim, figuras femininas ou masculinas, portuguesas e "brasileiros" sempre oscilam entre polos opostos, são corrompidos e corruptores, doentes e saudáveis, veneno e remédio, compondo, assim a ambigüidade da escritura camiliana, como ficou evidente no trabalho de Ana Maria de Almeida.